

# Notícias de Guimarães

Ano 15.º N.º 761  
1 de Setembro - 1948  
Visado pelo... nca

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

## OS SINOS

Que me derdoem todas as estâncias de altitude; todos os santuários de montanha; todas as serras e promontórios celebrados pela sua situação geográfica, pela sua paisagem, pela sua vegetação, pelos seus encantos turísticos: mas a verdade é que, nas onze províncias portuguesas, só há, para nós vimaranenses, — a Penha!

A Penha, qual mar ondulante de fráguas, é o mais original dos montes.

A Penha, pela arquitectura disforme dos seus monólitos, é o mais singular dos montes.

A Penha, pela ossatura penhascosa do seu dorso, é o mais impressionante dos montes.

Em verdade, a Penha, modelada em rocha, emoldurada em paisagem — crista voltada para todos os horizontes — é um monte sem igual.

A Penha é tudo isto — para os vimaranenses.

Quem há aí que o não sinta, que não traga o perfil da montanha sagrada dentro dos seus olhos e do seu coração? E sabem quem nos revelou a Penha, quem no-la deu a conhecer e nos ensinou a amá-la?

Foi um velho, antigo conterrâneo, de nome António José Ferreira Caldas, e mais os vimaranenses da sua geração, à volta do ano de 1886.

Antes desta plíade, a Penha era a montanha adusta, o ermo, o matagal onde habitava o lobo e a caça brava. Nela se refugiou um dia — fins do século XVIII — um místico eremita de nome Guilherme, de origem italiana. Em lapa disforme fizera a sua toca e erguera o seu altar.

A este peregrino da solidão e do deserto, outro viera.

Pela graça espiritual destes aliados do Céu — panteístas envolvidos em burel — a Penha foi-se humanizando, tornando-se atraente.

E a geração de 86 subiu de pau ferrado, de canelo rijo, borracha ao tiracolo, o alto-neiro monte.

Na ronda dessa ascensão bairrista distinguíam-se os homens dos ofícios de Guimarães: Casimiro Urbano, José Pedro Roriz, Luís de Pina, Francisco Raimundo de Sousa Guise...

Mas eu detenho-me por aqui, não prossigo na transcrição de inúmeros nomes dos artistas vimaranenses, pois é Francisco Raimundo de Sousa Guise que agora para aqui é chamado.

Sim, que ele, — Graças a Deus! — ainda é vivo, e viva tem dentro do seu peito, a mesma chama ardente do seu sempre moço amor à Penha.

Seus filhos e netos — uma plíade admirável de bons vimaranenses — tendo demanda do terras do Brasil, por lá moirando à honrada maneira e doutrina de seu pai, alcançaram meios de fortuna.

Passante anos, voltaram ao encontro saudosista da lareira paterna. Auscultando os sonhos do seu venerando progenitor, lá toparam a chama votiva do seu inolvidável amor à Penha.

Foi então que, na comunhão fraternal deste encontro, querendo um filho homenagear,

servir o pensamento de seu velho pai, deliberou — ofertar à Penha, para a torre do novo santuário, um carrilhão!

Albano de Sousa Guise praticou esta linda acção, não por

## DA PENHA

si, não para si, mas para servir, nos tempos que hão de rolar para além da sua existência, a memória honrada de seu pai.

Feita a dádiosa oferta, na singeleza de poucas palavras, na unção respeitosa de servir um queridíssimo afecto do seu coração, o dador benemérito lá partiu para as terras do Brasil, contente, satisfeito, por haver deixado atrás de si uma auréola de simpatia a envolver a figura veneranda de seu pai, o humilde artífice da Comissão de 1886, — precursora dos melhoramentos na Penha — Francisco Raimundo de Sousa Guise.

Os sinos! Vozes de bronze, tantas vezes traduzem na sua linguagem sonora, estados de almas.

Os sinos da Penha, os pequenos sinos que para ali levaram em carreada festiva os artistas da Rua de Couros, há meio século, não têm a estridência campanuda dos grandes carrilhões; mas, na sua singeleza serrana, comunicam-nos, trazem-nos da Penha todo o cenário da sua maravilha.

Para esse venerando vimaranense da Comissão de 1886, os sinos da Penha falam-lhe da sua mocidade; dos seus entusiasmos da juventude; dos companheiros das primeiras jornadas pedestres, a festo, pelo Carvalho; de todos os vimaranenses, enfim, dessa geração quase extinta, unida na mesma flama de devoção à Senhora do Carmo, a cuja pia evocação as almas ascensionavam aos pináculos, com a grata satisfação de se comunicarem muito para lá das estrelas, tão subjectiva é a grandeza astral das alturas, no silêncio, na amplidão, na ascense religiosa.

Os sinos! Chateaubriand fala-nos da alma dos sinos, esses instrumentos sublimes afinados para todos os tons da gama do sentimento. E a poesia reparou também que eles têm comunicação com o céu e com a terra, com a vida e com a morte, com as alegrias e com as dores, tal é o seu sentido emocional.

Mística linguagem quando os sinos tocam às coisas do Divino; linguagem poética quando nos envolvem de doce melancolia; esplendorosa linguagem quando os seus repiques bimbam no ar, festivos, garridos, bizarros.

Já um dia escrevera, falando dos sinos da Penha:

Os carrilhões de Mafrá — colossos de bronze — são a apoteose do timbre. Mas os sinos da Penha, humildes e alegres, são a própria alma da Montanha!

Ouvir os sinos da Penha, é antever um lenço branco que nos acena, uma voz amiga que nos chama.

Foi este carinhoso sentimento vivendo no peito saudoso de Francisco Raimundo de Sousa Guise — relíquia, perto dos noventa! — que fez brotar a

## O SEXTO PECADO

SERPENTE DE OLHOS VÍTREOS, FIXOS, FRIOS, BÍFIDA LÍNGUA PEÇONHENTA: OCULTA NA FRESCA ALFOMBRA RUMOROSA AVULTA, OU SOME-SE ONDULANDO, AOS ASSOBIOS...

SEUS COVARDES, CONVULSOS ARREPIOS. TÊM RELÂMPAGOS DE ÓDIO... FREME, EXULTA, SE À LUZ DO SOL PODE CEVAR-SE ADULTA NESSES QUE TOMBAM DE ALTOS PODERIOS.

MONSTRO DE OLHOS HIPNÓTICOS, PERVERSOS, COMO OS DA HIENA E DO CHACAL ABSORTOS NA PRESA INCAUTA, OU A CHORAR OU A RIR

FOGE DE MIM, Ó MUSA DESTES VERSOS, HÓRRIDA, VIL INVEJAI E DE ENTRE OS MORTOS FOGE TAMBÉM... DEIXA-OS EM PAZ DORMIR!

AMÉRICO DURÃO.

## DEPOIS DAS GUALTERIANAS

Num jantar de confraternização das Comissões fazem-se as mais calorosas afirmações de amor à terra.

Serão maiores ainda as Festas de 1947 — e vamos preparar para 1948 a 3.ª Grande Exposição Industrial e Agrícola Concelhia.

Para o ano que vem já funcionará nova Praça de Toiros.

Avante sempre por Guimarães!

O respeitável vimaranense e nosso querido Amigo Sr. António José Pereira de Lima, prestimoso Presidente de Honra das Festas da Cidade deste ano, teve a gentileza de oferecer a to-



António J. P. de Lima Presidente de honra das Festas da Cidade, cidadão prestimoso que Guimarães muito admira e respeita.

dos os componentes das Comissões que trabalharam para o esplendor das referidas Festas e bem assim às autoridades locais e outras individualidades e aos representantes da imprensa, um jantar que se efectuou no Hotel da Penha, na noite de quinta feira, e que decorreu num ambiente da maior cordialidade, tendo dado motivo a que se

linda oferta do carrilhão para a torre do novo santuário da Penha.

Já em meu ouvido, tocado de saudades pela minha terra de nascimento, se vasam os prelúdios sonoros desse carrilhão, rico de harmonias, que nos evocarão as paisagens e os encantamentos da Penha querida.

Entretanto, e porque foram esses tão modestos sininhos do campanário alpestre que abriram o apetite ao simpático vimaranense para alcançar para a Penha a magia de um carrilhão, recitemos em su grata lembrança a linda quadra de João de Lemos ao sino amado de uma aldeia:

«Tange tange, agosto bronze, Teu som casado comigo; A cada nova pancada, Me torno mais teu amigo».

Porto, A. L. de Carvalho.

## NO PRÓXIMO DOMINGO milhares de pessoas subirão à Penha em grandiosa Peregrinação



Virgem da Penha

E' já no próximo domingo, dia 8, que se realiza, com a maior importância, a grandiosa Peregrinação em honra da Virgem da Penha, que vai por certo constituir mais um acontecimento notável, revelador dos nobres sentimentos religiosos do nosso povo.

A concentração far-se-á, como nos demais anos, no espaço Largo da Republica do Brasil, principiando o desfile do esplendoroso cortejo às 9 horas precisas, após a bênção que o Reverendíssimo Arcebispo de Braga, D. António Bento Martins Junior, lançará aos peregrinos.

Na Penha haverá diversos actos religiosos, sendo feita em primeiro lugar a coroação da Virgem pelo venerando Prelado da Diocese, devendo aquele acto revestir-se de grande brilho.

Haverá, conforme já noticiámos, por motivo da grande peregrinação anual, um serviço especial de comboios, assim como carreiras de camionetes entre esta cidade e a Estância da Penha.

## FARPAS EDUARDO TORCATO RIBEIRO

'Stá tudo muito calado Sobre o assunto, a torção, Da PROTECÇÃO À CRIANÇA! Este caso apaixonou Quem sempre nele pensou Mas já não tem esperança!...

Os homens paralizaram, Os jornais jamais pararam, Teve tudo triste morte! As criancinhas queridas Ficaram desprotegidas E entregues à sua sorte!

E' triste verificar O que se está a passar Nestes meses de agonia: Tantos, tantos funerais De crianças — é demais — A caminho da Atouguia!

Faz pena, mas é verdade, Que nesta nobre cidade Se proceda assim com tudo! Entusiasmo, carinho, Mas surge qualquer espinho E o povo fica mudo!

Vai alguma coisa avante Se desde o primeiro instante Não lhe surgir qualquer treta! Caso contrário, é sabido, Todo o assunto é querido Mas... vai parar à gaveta!

Muito feio é repetir... Mas se eu estou a mentir Ou a derrotar a terra, Onde está neste momento O formoso Monumento Aos Mortos da Grande Guerra?



Como noutra lugar noticiamos, o nosso Conterrâneo e Amigo Sr. Eduardo Torcato Ribeiro, num gesto espontâneo que muito o nobilita, resolveu tomar à sua inteira responsabilidade a construção de uma nova e sólida Praça de Toiros, para funcionar, nesta cidade, por ocasião das próximas Festas Gualterianas, e em substituição da actual Praça que, co-

40  
40  
00  
40

Postais do Porto

De Verão

Há bocadinho, aproximei-me da Praça da Liberdade, com ideias de meter num eléctrico para a Foz. O iodo faz muito bem à maior parte das pessoas, os médicos recomendam-no e eu gosto do mar. No entanto, gosto mais do mar, no Inverno, do que no Verão. Prefiro vê-lo furioso, repontão, atrevido e arrogante, contorcendo-se, barafustando, cheio de espuma alvacentas nas quebras das ondas. Dá-me a ideia de um apaixonado que se arremessa, depois de longas caminhadas, para os braços da amante. num ansiedade de nervos e de espírito que até faz estalejar os ossos.

De Verão, o mar é dengoso e fraldiqueiro. Parece-se com um amoroso recatado que principia numa carícia de cabelos, atinge o ponto culminante num beijo à flor dos lábios, sem calor, sem alma, sem energia sensitiva, e acaba na eterna e sonolenta lassidão dos braços estendidos, de olhos abertos sem verem nada mas ainda assim abortos no azul da atmosfera. Ora, só quem não tem coração é que ignora a indebilidade com que fica registado nos anais da memória um abraço impetuoso, filho da ocasião.

Mas... estou a distanciar-me do assunto. Não cheguei a ir à Foz. Eram poucos os eléctricos para transportarem tanta gente. Desisti e vim para o café. Mandei vir uma cerveja e pus-me a escrever este postal, versando o tema «de verão», porque é por ele que eu estou aqui e que podia não estar aqui.

De alguns anos a esta parte, as praias têm tido um movimento desusado. A causa não está só nas necessidades do corpo precitadas pelos médicos. Há um sem número de coisas que influem na procura do mar. Fulaninha não quer ficar atrás de Beltranhina, o senhor A quer «armar» em rico, o senhor B quer gracinha à americana... Que sei eu?

Prolifera por esse Portugal fora um «snobismo», destrambelhado que se pavonia de elegante e roça pelo ridiculo.

É certo que, este ano, muito boa gente ficou do lado de cá. Basta falar de Espinho. Inúmeras casas que não se alugaram. É que a mania de explorar o próximo nem sempre dá resultado. Para mais, o tempo do volfrâmio acabou e os Bancos atulham-se de papel, não em notas mas em letras.

Contudo, não posso deixar de concordar com muita gente: O Verão é a estação do ano que fomenta mais ilusões. Não há bicho-careta que não arranje um namoro para brincar na areia; não há cabra mocha que não encontre um galanteador para o «flirt», pantomineiro, nas tardes à beira-mar; não há vesga ou fanhosa, raquítica ou mastodonte, não há calvo ou doente dos calos, imberbe ou pedulo como um chimpanzé que não consiga uma aventura «à la minute» ou «à la diable», que mais tarde vai ser cantarolada, em voz de baritonado de palco ou de soprano que não feze exame em Itália, a quantos e quantas se dão à paciência de ouvir — os quais se encarregarão de transmitir a outros, em edição correcta e aumentada.

Oh! que ilusões e que fantasias por essas aldeias, e por essas praias portuguesas! O pior é que a vida não pára um momento, corre sempre, sempre, para bem ou para mal. E quantas, quantas esperanças e outros tantos desejos não ficam enterrados na areia, não se afogam nas ondas do mar ou não se emmaranham, até verterem sangue, nos silvedos campestres!

Ferreira Torres.

Dr. Alfredo Bravo

MÉDICO

Doenças da boca e dentes

Praça D. Afonso Henriques, 6

GUIMARÃES

TELEFONE, 4289

Durante o mês de Setembro, consultas às segundas, quartas e sábados.

287

MARLICE - NOSEL - VION - CARÚ

São perfumes de grande classe. Há venda na Casa Larangeiro.

Na Casa Larangeiro encontra V. Ex.ª, minha senhora, grande sortido em produtos de beleza.

mo é do conhecimento geral, não oferece as indispensáveis condições de segurança.

Na altura em que o Sr. Eduardo Torcato Ribeiro, pela voz do Director deste jornal, tornou pública a sua arrojada iniciativa, tão digna dos maiores louvores, não faltou quem o felicitasse, abraçando-o e saudando-o calorosamente por uma atitude que bem revela o seu acendrado amor a Guimarães, sua Terra natal.

Parece-nos, contudo, oportuna e bem merecida a homenagem que hoje lhe queremos prestar nas nossas colunas, como que interpretando o sentir de todos os vimaranenses que bendirão o seu nome.

No MEU CANTINHO

Nas Novidades de 20 consolei-me deliciosamente com a nota vicentina de Luís Chaves. Se houvesse por aí muitos Luís Chaves!... Se a Caridade assim fosse vivida!

Uma vez por outra Fátima retumba prodigiosamente. Aquele caso que tão belamente narra as Novidades de 26, é das maiores graças que a Medicina observa e surpreende e admira enternecidamente.

A Clarisse Gamboa, lá das bandas de Pinhel, deu, com os seus verdes 15 anos, uma alta lição de resignação e feliz.

Quando comecei a ler o fundo do Diário do Minho de 27, pensei que seria obra de Magalhães Costa a demonstrar mais uma vez o seu provado critério e marcado valor de jornalista.

Enganei-me. Era Pires Moreira que sobre As leituras divagava com um equilíbrio que raro se encontra.

Não era de ouro a chave que o terminava, mas era um artigo de aleveitado senso prático que se lia com muito prazer. O Confrade não o leu?

G.

A Coroa de Nossa Senhora está em exposição

Encontra-se, desde ontem, em exposição, na mostra da Casa das Gravatas, a formosíssima Coroa que as Filhas de Maria de Guimarães, ofereceram a Nossa Senhora da Penha e cuja colocação será feita, no próximo domingo, pelo Venerando Arcebispo Primaz, por ocasião da Grande Peregrinação à Penha.

Também se encontra em exposição uma lindíssima toalha de altar que foi oferecida pela Sr.ª D. Custódia da Silva Branco, natural desta cidade e residente na Póvoa de Varzim.

Para o seu afilhado, compre V. Ex.ª um enxoval na

CASA LARANGEIRO.

Para a COROA de

NOSSA SENHORA DA PENHA

Foram recebidos mais os seguintes donativos:

- D. Ana Martins Aldão Teles de Castro, 100\$00; D. Lina de Freitas, 50\$00; D. Amélia dos Prazeres Moniz, 100\$00 e 2 alfinetes de ouro; D. Amélia Machado e Dr.ª Hedwiges Machado 2 objectos de ouro; Anónima, 2\$50; D. Joana de Sousa Ribeiro, 20\$00; Anónimas, 30\$00; D. Virginia de Freitas, 50\$00; Amélia Pereira Esteves, 5\$00; D. Alzira Peixoto Gnzaga, 2 brinços em ouro; Joaquim Soares da Silva e esposa, 20\$00; Anónima, 50\$00; D. Helena Cardoso Meneses Margaride, 40\$00; D. Maria da C. Cunha Pina, 20\$00; D. Emilia N. Silva Bastos, 50\$00; da creada Beatriz A. de Freitas 10\$; creada Emilia Martins, 5\$00; Joaquim de Sousa Marques, 20\$00; D. Maria da Silva Oliveira, 5\$00; António Pinto Leite, 40\$00; P.ª Horácio Pereira da Silva, 40\$00; creada de se vir, 70\$00; Dr. Alfredo Peixoto, 40\$00; João António da S. Guimarães, 20\$00; D. Maria Amélia de Sousa Pereira, 20\$00; D. Ana Mendes Fernandes Pimenta, 500\$00; D. M. Geraldo e irmã, 30\$00; D. Maria Rosa, 10\$00; João Xavier de Carvalho, 1 anel em ouro; Anónimo, 4 moedas em prata (antigas); D. Emilia Cabral Paul, 1 par de argolas em ouro; creada de servir, 1 anel em ouro e 2\$50; D. Maria de Sousa Lima e filhas, 100\$00; D. Amélia Figueiras de Sousa Vaz Vieira, 200\$00; D. Virginia Lemos Rocha, 20\$00; D. Maria dos Anjos Freitas Carneiro, 100\$00; P.ª João Pedro P. Bourbon, 20\$00; Maria da Costa, 10\$00; Olinda Bessa, 10\$00; D. Maria Madalena Bravo Meireles, 10\$00; D. M. Emilia Lopes Monteiro, 5\$00; D. Januária Barbosa Pontes, mais 10\$00; Joana Machado Fernandes, 2\$50; D. Teresa de Jesus Almeida, 10\$00; Margarida Rosa, 5\$; Anónimas, 10\$00; D. Ermeinda Matos, 70\$00; suas empregadas, 20\$00; Maria Elvira de Matos, uma pulseira em ouro; Anónima, 20\$00; Sr.ª Condessa de Margaride, uma libra em ouro; Tenente Alberto Carvalho de Melo, 20\$00; D. Ana Maria P. Mendes Ferreira da Cunha, 50\$00; D. Maria da Madre de Deus P. Mendes M. Fernandes, 50\$00; D. Maria Amélia Pereira Fernandes, 25\$00; D. M. Aida Pereira Fernandes, 25\$00.

UM CONTO POR MÊS A MARIANITA

Nunca viram a Marianita, pois não? Ei-la, lá vai ela, de saia rodada e de cochenê de merino.

Lá vai ela praça adiante... aquela praça no coração de Alegrete — terroca alentejana.

Tem talvez nove anos, a Marianita de olhos negros que parecem duas amoras, bem maduras, iguais às que ela busca pelos silvedos enquanto guarda uma cabrinha comprada na feira das cerejas. Lá vai ela pela praça adiante! — ao lado do pai e olhando os sapatos, de cabedal ensebado, que acaba de estreir.

«O tio Lagarto é, na verdade, o melhor sapateiro da vila. Ora repare, pai, como as biqueirinhas dos meus sapatos estão à moda!» — diz ela, com vivacidade.

«A' moda?» — pergunta o pai. «Sim, Senhor, à moda. A Chica do Outeiro veio ontem de Portalegre e disse que os sapatos das senhoras têm uma biqueira muito aguçada. E o tio Lagarto vai, de vez em quando, à cidade a saber das modas...»

«Lá isso vai...» «Outro dia, fez umas chinelas de polimento para a menina do mestre da música — e não calcula como ficaram cabitas!»

«Gostavas de ter umas assim, eh?» «Lá isso, gostava» — afirma com tristeza e logo vivamente: «Mas tenho de me contentar com estes sapatos grosseiros que, no fim de contas, não são nada feios.»

«Tens razão.» «E, afinal, sempre é melhor ter destes sapatos do que nenhuns! Veja lá, pai...»

«O quê?» — pergunta o pai com muito interesse. «O filho do Mané Pico anda descalço e toda a gente se põe a olhar para ele...» — apressa-se Marianita a dizer, contristada, e junta: «Se ao menos lhe dessem umas almagatas!»

«Cá a gente, estranha e em ver quem quer que seja descalço. Mas, lá para cima do entroncamento, andam muitas pessoas de pernas e pés ao léu.»

«Ah sim? E onde fica o entroncamento, ou lá o que é? Pode-se lá ir a pé, ou é preciso ir de burro?» «Fica muito longe daqui cachopa. Para se ir de burro, levaria dias. A melhor maneira, seria de burro até Portalegre e, depois, de camioneta até à estação...»

«E depois?» «Tomar o comboio.» «O comboio!» — exclama Marianita de modo sonhador e acrescenta: «Há tanto tempo que desejo vê-lo e andar nele!!!»

«Eras capaz de ter medo.» «Medo?! Outro dia, estive no automóvel do Senhor Doutor e não tive medo nenhum. Por que razão hei-de ter recio do comboio? Não, não me parece que ele seja para mim um bicho de sete cabeças!»

Continuam a caminhar, lado a lado. Sobem uma rampa, ao cimo da qual está uma torre isolada, com sinos e um relógio. É tão branquinha, aquela torre! Mas não admira, visto que está na província onde o casario tem a brancura da neve.

«Sim, lá vai a Marianita e o pai. Entram num pequenino largo onde está a igreja matriz.»

«A igreja está aberta, não! Vamos lá dentro, sim?» — diz Marianita com vivacidade e junta em voz tristonha: «Quero pedir à Nossa Senhora da Alegria que dê melhoras à Mãe Vina...»

Marianita não tem mãe. Desde que nasceu que ficou aos cuidados da avó Ludovina, a quem chama Mãe Vina e agora gravemente doente. O pai concordou em entrar na igreja, nesta manhã radiosa em que pássaros e borboletas voam, alegremente, sobre os campos que para além se estendem e onde há gente a trabalhar ora cantando, ora gemendo.

«Então não tira o chapéu, pai?» — pergunta-lhe a filha, muito admirada. «É verdade. Nem me lembrava. O que vale é que não está aqui o Senhor Padre Mata...»

«Mas está a Nossa Senhora da Alegria, o Pai do Céu e os santinhos a quem devemos respeitar mais do que a ninguém.»

«Boa lição, sim, senhor» — diz o pai aparte.

«Ohe! Sempre que vejo a mão da Nossa Senhora da Alegria com o dedo dos anéis dobrado, lembro-me da história do ladrão...»

«Conte-me! Conte-me outra vez! Eu sei que o pai é de poucas falas... mas, comigo fala, mais do que com as outras pessoas e tem sempre paciência para me contar o que lhe peço...»

Vá, diga-me o caso do ladrão que quis roubar a Senhora da Alegria! — Já to contei tantas vezes!... «É só mais uma vez... Vá! Eu começo» — diz vivamente e prosegue: «Um dia, a Nossa Senhora estava ainda mais linda do que hoje. O manto era azul, também, mas a seda reluzia mais e aquela franja dourada era mais amarelinha e brilhante...»

Tinha cordões de ouro ao pescoço, grandes brinços e anéis... Depois... Conte, conte o resto!»

«Oh, esta cachopa é capaz de fazer falar um mudo...» — diz o pai, rindo enternecidamente. «Vá, conte o resto!» — implora, de novo, a Marianita.

Por ISaura CORREIA SANTOS.

«...Depois, entrou um ladrão na igreja, onde não havia ninguém.» «...Haver, havia. Estava aqui a Nossa Senhora, o Pai do Céu e muitos santos e santas...»

«Sim, mas da Terra, não havia viva alma. E o ladrão...» «Tinha barbas e bigode?» «Sim, as maiores barbas e o maior bigode que jamais se viu por lá...»

«E depois?» «Entrou mais dentro e viu Nossa Senhora carregadinha de ouro. Abriu muito os olhos e disse para os seus botões: Estou garantido por muitos meses ou anos! Ná, este ouro não fica aqui tão quietinho. Tem que vir para as minhas mãos, olá se tem!»

«E os olhos de Nossa Senhora da Alegria não estavam tão meiguinhos como hoje?» — interrompeu Marianita, ansiosa pela resposta.

«Sim, deviam estar» — responde o pai, docemente e acrescenta num tom mais rápido: «Mas ele não reparou nisso.»

Olhou para um dos dedos, viu um belo anel — aquele que lá está ainda! — e começou por ali a sua feia acção. Mas... ao tirá-lo, o dedo dobrou-se, tal como está agora, e pronto! O anel não saiu!

«E como ficou o ladrão?» — interroga Marianita, arregalando muito os olhos. «...Com os cabelos em pé e alagado em suores frios. Saiu da igreja a cambalear. Arrependeu-se de se ter ladrão e tornou-se um homem às direitas.»

«E teria ido para o céu, onde está minha mãe?» — pergunta Marianita, com a candura a embelezar ainda mais o seu rosto moreninho.

«Sim, naturalmente, visto que se arrependeu e passou o resto da sua vida a louvar a Deus, a trabalhar honradamente, e a fazer obras de caridade...»

O pai da Marianita faz o sinal da cruz e sai. A garota fica. Ajoelha ante a sua padroeira e implora comovidamente: «Senhora da Alegria, peço-lhe de todo o coração que dê melhoras à Mãe Vina. O catarral está a fazer-lhe sofrer tanto!...»

E custa-me tanto vê-la assim! Nada tenho para lhe dar em troca das melhoras que lhe der mas... em 15 de Agosto, no dia da Sua festa, virei numa dança cantar no adro e nas ruas da vila.»

Irá numa dança cantar? Sim, numa dança regional em que um grupo de crianças, com laços garridos, randeiras e castanholas, baila e canta em louvor de Nossa Senhora da Alegria, no dia que lhe é consagrado.

É um costume muito antigo, cheio de graça e, sobretudo, invulgar. Só em Alegrete, pedacinho do Alto Alentejo, existe esse bailado e outros que nos fazem lembrar velhos tempos.

Passaram-se dias. A mãe Vina não está melhor e a Marianita tem o coração triste e em constante sobressalto. Não teria Nossa Senhora ouvido a sua súplica?

Ei-la, lá vai ela, a Marianita. Desta vez, desce por uma vereda tortuosa. Leva um cesto à cabeça, cheio de roupa. Dirige-se para a ribeira... e à sua frente saltita a cabrinha que, decerto, viu pastar nas margens que o sol ardente de Julho não conseguiu ainda secar.

«Anda mais depressa, «cabriola». Não nos podemos demorar, pois a Mãe Vina não está melhor» — diz ela à cabrinha, com voz velada pela tristeza.

Chega finalmente, à ribanceira — onde a água corre muito de mansinho, como que ameaçando parar. Hoje, a Marianita não canta. Se a avó estivesse melhor, sim, cantaria. «Crandá» ou o «Mangerico»... Mas, assim, não tem vontade de cantar.

Esfrega a roupa, enquanto outra cora. A cabrinha, essa sente-se feliz, como sempre, e manifesta a sua alegria produzindo uns maviosos «més» de quando em vez. Não supõe que há um nó, duro, a apertar a garganta da sua dona e amiga.

A pequenina lavadeira está com pressa. Coloca a roupa, bem torcida, no cesto, previamente lavado, e chama: «Cabriola! Vem daí. Toca a ir para casa.»

Nisto, ouvem-se sinos a dobrar, lá ao longe. E a Marianita estremece e diz com ansiedade: «O quê? Tocam o sinal de morte? Quem teria morrido...?» Soluça e pergunta a si mesmo: «Seria a Mãe Vina...?»

Soluça mais fortemente, ergue as mãos e implora: «O' Senhora da Alegria! Não me dê tamanho desgosto!... Antes quero eu morrer, ou sofrer muito, do que ver a mãe Vina morta.»

Os sinos continuam a dobrar ligeiramente. A Marianita põe o cesto à cabeça e corre por uma ladeira acima sem se importar com a cabrinha que, no entanto, a segue a passo ligeiro.

Ai! Lá cai o cesto. Que pena! A roupa estava tão branquinha!... A Marianita deixa tombar o lábio inferior, frange o nariz, e diz, desalentada: «Quanto mais depressa, mais devagar!»

Válha-me a Nossa Senhora da Alegria!» Com todo o desembaraço, apanha a roupa, põe-na no cesto, coloca este

Rosas e Espinhos! Depois das Gualterianas

Querida Amiga:

Já calculava que a minha descrição, embora ligeira, de um passeio que dei na companhia de outra amiga, te provocasse a curiosidade de saberes o resto, isto é, o local onde fomos. Porém, como te dizia na minha última carta, pessoalmente te elucidarei de tudo e, então, não só ficarás a saber onde fui, como também ficarás a conhecer a amiga que me fez tão agradável companhia. Tu sabes — e toda a nossa gente o deveria saber — que os portugueses têm verdadeiras maravilhas dignas de serem visitadas, quer aquelas que tenham sido criadas pela mão da própria Natureza, quer as que se encontram como fruto da iniciativa e da inteligência humanas.

Unas e outras estão espalhadas por todos os recantos do país ou, melhor, por todos os lindos canteiros deste formoso Jardim à beira mar plantado e a que, com muito orgulho, podemos chamar o nosso amado e querido Portugal! No entanto, minha querida amiga M. E., há pessoas que desprezam essas maravilhas do nosso país e vão apreciar as dos países estrangeiros. Estás a ver que essas pessoas, desinteressando-se dessa forma, ou o fazem por uma questão de luxo ou, então, por crassa ignorância, porque eu não vejo outros argumentos para justificar procedimento tão anti-patriótico. Por isso, boa amiga, procuremos conhecer, em primeiro lugar, o que nos pertence e depois, se nos encontrarmos em condições de o fazer, iremos conhecer dentro do possível, o que existe para além das nossas fronteiras. Assim, não ferimos a nossa sensibilidade patriótica e damos uma lição a quem procede de modo contrário. E aqui tens, como, a propósito da minha última carta, consegui entreter-te alguns momentos, não obstante ser muito precária a minha disposição para hoje manejar a pena. De resto, já sabes que sempre me encontrarás disposta a fazer-te a vontade em tudo e, portanto, em breve satisfarei o que desejas, tanto mais que tu mandas e não pedes. De quem assim te fala, não terás dúvidas a qualquer respeito, do que, aliás, já tens muitas provas, das quais o passado poderá ser a mais fiel garantia. E por hoje, nada mais.

Com muitas saudades abraça-te e beija-te a tua eterna amiga,

28, 8/1946.

Maria Margarida.

Festividade a NOSSA SENHORA DA GUIA e ao SENHOR DA AGONIA

Realizam-se nos dias 9 e 21 do corrente as festividades a Nossa Senhora da Guia e ao Senhor da Agonia, que se veneram na capelinha da sua invocação ao Largo L.º de Maio, tendo sido estabelecido o seguinte programa:

Dia 7, às 19,30 horas: conclusão da novena em honra de N. S.ª da Guia;

Dia 8, às 7,30: missa resada, cânticos e bênção do SS.º Sacramento. A' noite será iluminada a frontaria da capelinha.

Dia 9, às 9 horas: missa cantada a voz e harmonium, em honra de N. S.ª da Guia; às 18 horas, exposição do SS.º Sacramento; às 18,30, sermão por um distinto orador sacro, Te-Deum e Bênção do SS.º Sacramento.

Dia 21, às 8,30 horas: missa em honra do Senhor da Agonia, com acompanhamento a harmonium. A' 19,30 horas, Adoração solene e bênção eucarística.

Nos dias 9 e 21 a capelinha estará aberta aos fiéis.

na cabeça, e segurando-o com as duas mãos, continua a correr.

O seu rosto, redondinho e moreno, está cheio de lágrimas.

Os sinos dobram, ainda, e, entretanto, a roda da saia da Marianita parece bailar — indiferente àquele lamentado dos sinos e às lágrimas que saltam, copiosamente, daqueles olhos parecidos com amoras bem maduras!

Quem morreu, afinal, foi o «Ti Padre Jão», figura simpática e bem estimada por aquelas redondezas.

Foi pena, na verdade, mas maior pena seria se tivesse sido a mãe Vina. A Marianita, ao ver a avó com vida, não sabia se havia de rir, se chorar. A esperança voltou a dar-lhe ânimo, reforçado pela confiança na sua padroeira.

Passaram-se semanas. A mãe Vina já está boa. A sua figurinha muito direita, magra, e de ligeireza quase igual à dum pedal, já se movimentava com a graça e desembaraço que toda a gente admirava.

E a Marianita? Oh, essa sente-se feliz como uma gatinha ao borralho — gozando o calor das carícias da avó e livre de preocupações.

De vez em quando ergue os olhos e as mãos ao céu, aquele céu fortemente azul e quente do seu Alentejo, e agradece à Nossa Senhora da Alegria a graça de ter dado saúde à mãe Vina.

Agora, vai com outras crianças mais ou menos da sua idade a caminho da casa da Senhora Dona Senhorinha. Vão ensaiar os cantares para

(Conclusão da 4.ª página)

(Conclusão)

tendo outras justificado também, por outra maneira, a sua falta.

Bem expressivas as cartas dos Srs. Comendador Alberto Pimenta Machado, cujo nome foi também motivo de merecidos encômios; Camilo Laranjeiro dos Reis, um dos únicos sobreviventes da primeira Comissão das nossas primeiras e famosas Festas; Luís Filipe Coelho, Benjamin Pereira dos Santos, etc.

Foram lembrados nomes para as Comissões que hão-de, no ano que vem, levar a cabo as Gualterianas, com o mesmo esplendor, ou o mesmo brilho, com o mesmo entusiasmo, senão com mais ainda, daquelas a que há pouco assistimos todos e os nossos milhares de visitantes, verdadeiramente de-lumbrados.

Todos os nomes que compõem essas Comissões — podemos afirmá-lo — são a garantia segura de que se farão as Festas e com um brilho inigualável.

E porque os assistentes ao jantar, quase todas pessoas que de algum modo têm o seu nome ligado ao bom nome das Festas da Cidade, assim o proclamaram — e muito bem — os Srs. Camilo Laranjeiro dos Reis e António José P. reira de Lima, nomes respeitáveis, baírristas devotados — ficarão sendo respectivamente Presidente Honorário e Presidente de Honra das nossas queridas Festas.

O Sr. Francisco Vilarinho, que acidentalmente se encontrava no Hotel, foi convidado a assistir ao jantar. Trata-se de um vimaranense pelo coração e filho de um saudoso conterrâneo nosso que foi grande admirador e grande amigo da sua terra. E o Sr. Vilarinho, em altura própria, não deixou de dar-nos, em poucas mas bem medidas palavras, a prova da sua muita dedicação por Guimarães, que está preso por um grande fêto.

Ao belo repasto presidiu o Sr. Dr. Fernando Manuel de Castro Gonçalves, Presidente da Câmara Municipal, que tinha à sua direita os Srs. António José Pereira de Lima, Presidente de Honra das Festas; José Mendes Ribeiro Júnior, Presidente da Comissão Executiva; José Rodrigues Guimarães, Autero II. Silva, Domingos Mendes Fernandes e José Gilberto Pereira e à esquerda, os Srs. Professor José de Pina, Presidente de Honra da Marcha Gualteriana; Capitão Magalhães Couto, Presidente do Grémio da Lavoura; Tenente Ernesto Moreira dos Santos, Comandante Militar; António de Sousa Lima, Dr. Mário Dias de Castro e Dr. Adelino Jorge.

Indistintamente tomaram lugar as Comissões Executiva e Auxiliar das Festas, a Comissão das Touradas, a Comissão da Marcha Gualteriana, os representantes da Imprensa, etc.

O serviço foi, como sempre, primoroso. A e-timada proprietária do acreditado Hotel, Sr.ª D. Antónia Teixeira Mendes Duarte, confirmou uma vez mais os seus créditos e merece por isso muitos parabéns.

Ao champagne fizeram-se muitas e judiciosas considerações. Foi bem a hora da justiça e do louvor e também da partida decisiva para um maior esforço em prol da nossa Terra.

Falou em primeiro lugar o Sr. José Mendes Ribeiro Júnior que, interpretando o sentir de toda a Comissão, teve palavras de reconhecimento para todos quantos as festas emprestaram o seu melhor concurso. Depois brindaram os Srs.: Tenente Ernesto Moreira dos Santos, Américo Alves Ferreira, Bráulio Teixeira Carneiro, António Dias Pinto de Castro, António de Sousa Lima, Amadeu Guimarães, Presidente do Sindicato Nacional dos Caixeiros e da Comissão da Marcha; Agripio Neves de Castro, componente da Mesa da Irmandade de S. Gualter; Dr. Adelino Ribeiro Jorge, António José Pereira Rodrigues, Professor José Luís de Pina, Francisco Vilarinho, Capitão José Maria Pereira Leite de Magalhães Couto, António José Pereira de Lima e, finalmente, o Sr. Dr. Fernando Manuel de Castro Gonçalves, Presidente da Câmara que, depois de agradecer o convite para assistir àquele jantar e de exteriorizar a grande satisfação que experimentou ao analisar as afirmações baírristas que ali se produziram, saudou nas pessoas de António José Pereira de Lima e de José Mendes Ribeiro Júnior, todos aqueles a cuja dedicação, tenacidade e esforço, se deve o êxito obtido, com as retumbantes Festas da Cidade.

Afirma ainda que enquanto se conservar à frente dos destinos do Município procurará dar todo o apoio orgamental à Comissão das Festas e a terminar, levanta a sua taça para beber pela preciosa saúde de António Lima e de toda a sua Família.

E assim terminou, já perto das duas da madrugada de sexta-feira, a festa a todos os títulos encaudadora e memorável de que aqui deixamos umas notícias breves e descoladas.

A sala de jantar do Hotel estava decorada com as bandeiras da cidade, o que imprimia ao recinto um tom festivo.

No início do jantar foi queimada uma girândola de fogo.

No próximo número publicaremos mais algumas notas que temos, colhidas no decorrer dessa festa a todos os títulos memorável, que constituiu uma notável afirmação de bem sinceros sentimentos baírristas e publicaremos igualmente a nota das pessoas que

A Pequena Imprensa, verdadeiro Jornalismo de Apostolado!

As grandes e, às vezes, acerbadas responsabilidades da contabilidade e manutenção dos jornais da província, recaem, de ordinário, nos ombros débeis dos directores e proprietários.

Muitas vezes acontece um só homem desenvolver todo o esgotante esforço da factura e acorrer a todas as ingentes dificuldades do financiamento.

Como é digno de admiração este apostolado! Verdadeiro Jornalismo do Ideal — nada que se pareça com os modernos processos lucrativos das grandes empresas — às vezes os directores, administradores e proprietários, criam os seus jornais, executando inteiramente a missão do redactor noticioso, do crítico, do comentarista, do fundulário e do localista, e são, depois, na tipografia, os paginadores, os revisores, os que orientam e primam pelo aspecto gráfico do jornal!

E toda uma luta acrisolada apenas visando um fim desinteressado e nobilíssimo: — as conquistas espirituais, o derramamento das virtudes morais, o desenvolvimento das riquezas regionais económicas!

Ora, este sim. Este é que é o verdadeiro Jornalismo de Apostolado. E tão mal compreendido! Sem estímulos de qualquer casta! E materialmente tão mal compensado — ou compensado com tão humilhante sordícia!

Não: — a Pequena Imprensa merece que os problemas, magnos, que constituem a sua crise aguda, sejam solucionados e rapidamente!

Luis Barradas (Almedina).

A Gruta de N. S.ª de Lourdes, na PENHA

O Sr. Francisco Vilarinho, habilitado solicitador, residente em Lisboa, é, como o foi seu saudoso pai, um admirador das belezas da nossa encantadora Estância da Penha e um entusiasta pelo seu progresso, e tanto assim que as suas férias as vem passar, todos os anos e de há bastantes anos a esta parte, áquela local que se nos oferece para um merecido repouso.

Tendo em vista que foi seu pai um grande impulsor do engrandecimento da montanha, o Sr. Francisco Vilarinho lembrou-se de mandar fazer a expensas suas e em homenagem á memória de seu pai, que nasceu há já quase um século — lá-lo precisamente no dia 8 de Junho do ano que vem — as obras de que muito necessita a formosíssima Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, que tanto embelezou a montanha ali para os lados do Pio IX.

Assim o declarou ao digno Juiz da Irmandade Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado e a outros mesários que casualmente encontrou há dias.

Sabemos que a obra a realizar será uma obra de vulto, que representará mais um grande melhoramento na Penha a que tanto queremos.

Muitos louvores merece, pois, pela sua iniciativa e pela sua valiosíssima oferta o Sr. Francisco Vilarinho.

MAQUINAS DE ESCREVER

A sua máquina não escreve? Desalinha? Não hesite. Leve-a à Rua de Paio Galvão, 17, onde V. Ex.ª encontrará técnico competente.

Transformador de 60 a 100 KW. PRECISA Eléctrica de Lordelo — Guimarães.

A pintura na Mulher dá-lhe uma certa beleza. Compre V. Ex.ª um baton marilce na CASA LARANGEIRO. O baton fixo e persistente.

A Casa Larangeiro continua a receber novos padrões de gravatas. Visite as suas montras.

constituirão as Comissões para as Festas de 1947 — um punhado de gente que reúne as qualidades indispensáveis para a realização de uma obra por mais grandiosa que ela seja.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 4, os nossos prezados amigos srs. Dr. Carlos Saraiva, distinto clínico e José Gilberto Pereira; no dia 5, os também nossos bons amigos srs. José e Manuel de Oliveira Cosme; no dia 7, a sr.ª D. Amélia de Castro Guise, gentil filha do nosso bom amigo sr. Manuel de Sousa Guise e os nossos bons amigos srs. Alfredo Guimarães, illustre Director do Museu de Alberto Sampaio, Alberto Maria Leite e Eduardo Pizarro de Almeida; no dia 8, o nosso querido amigo sr. Manuel Fernandes Porto, abastado proprietário em Infias e o sr. Manuel Fernandes.

Partidas e obegadas

Acompanhada de seu marido o distinto professor Dr. Abel dos Santos, regressou de Vilela à sua casa do Porto a nossa illustre colaboradora senhora D. Isaura Correia dos Santos.

— Esteve nesta cidade, na quarta-feira, tendo seguido para as suas propriedades de Gondomar, o distinto Pintor de Arte e nosso illustre conterrâneo e amigo Professor sr. Abel Cardoso.

— Acompanhado de sua esposa, parte amanhã de V. N. de Guia para S. Vicente (Douro), o nosso querido conterrâneo e amigo e distinto colaborador sr. Delfim de Guimarães.

— Partiu para as suas propriedades de Sande o nosso querido amigo sr. Cónego Alberto da Silva Vasconcelos.

— Com suas famílias regressaram a esta cidade, da Póvoa de Varzim, os nossos prezados amigos srs. Fernando Laço Jordão, Manuel da Costa, Dr. Manuel Jesus de Sousa, José Maria Machado Vaz, Torcato Mendes Simões, Gaspar Ferreira Paul, Joaquim da Silva Xavier, Dr. Joaquim de Oliveira Torres, Dr. João de Almeida, Dr. José Maria de Castro Ferreira, Tenente Coronel Francisco Martins Ferreira, Dr. Joaquim Ferreira Leão, Amadeu C. Penafort, Francisco Pereira Quintas, Alberto Vieira Braga, Manuel Alves de Oliveira, Artur Fernandes de Freitas, Dr. Jorge da Costa Antunes, Francisco de Faria, João Pinto de Figueiredo, Alberto Gomes Alves, Luis Correia de Sousa Azevedo, Angélio Alves Santos, Alvaro Alves Pinho e Capitão Francisco Martins Fernandes.

— De Fão, regressou o nosso prezado amigo e illustre Colaborador, sr. Dr. Eduardo de Almeida.

— Partiram, com suas famílias, para a mesma Praia, os nossos prezados amigos srs. Luis Gonzaga F. de Carvalho, Lúcio Carvalho, Dr. Alfredo Bravo e Alcino de Carvalho Machado.

— Tem estado nesta cidade o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Afonso Teixeira de Carvalho.

— Esteve entre nós, tendo regressado já a Lisboa, o nosso prezado amigo sr. J. Tinoco.

— Tem estado na sua casa desta cidade a sr.ª D. Luciana Barroão da Costa Freitas.

— Com suas famílias têm estado na Póvoa de Varzim os nossos bons amigos srs. António José Pereira Rodrigues e Fernando Setas.

— Tem estado entre nós o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. António Ferreira Júnior.

— Regressou do Vidago, com sua família, o nosso bom amigo sr. Manuel Machado.

— Regressou de Vila do Conde, com sua esposa, o nosso prezado amigo sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha.

— Com sua esposa e filhinho tem estado na Penha o nosso prezado amigo sr. António Pimenta Júnior.

— Encontrava-se no Gerês, a uso de águas, o nosso prezado amigo sr. Damião de Sousa Oliveira, de Vilela.

— Com sua família tem estado em Souto (Santa Maria) o nosso bom amigo sr. António Bourbon do Amaral.

— Regressou de Caidelas a Gémeos a sr.ª D. Aurora Leite Soares.

— Com sua família tem estado nas suas propriedades de Aboçó o nosso prezado amigo sr. António da Silva Xavier.

Nascimento

No dia 5 deste mês nasceu em Lisboa um menino, filho da sr.ª D. Vera Sárrua Brack-Lamy de Paiva Leite Brandão e do sr. Capitão do Estado-Maior João de Paiva de Faria Leite Brandão.

— Também tem passado muito incomodada a sr.ª D. Eleira Zeferina da Silva Correia que, com sua irmã e cunhado, se encontra a veranejar na Quinta do Alvarinho, em Nespereira.

— Continua a experimentar sensíveis melhoras o nosso prezado amigo sr. José Faria Martins.

— Em Vilela tem passado incomodado o nosso bom amigo sr. José Ribeiro Moreira de Sá e Melo.

— Acentuam-se as melhoras do nosso bom amigo sr. Alberto Abreu, que continua em quarto particular no Hospital da Misericórdia, desta cidade.

— Deszjamos o mais breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Pedido de casamento

Pelo conceituado comerciante bracarense sr. Benedito da Silva Vilela e sua esposa a senhora D. Albertina de Oliveira Aguiar Vilela, foi no passado domingo pedida em casamento para o nosso prezado amigo e conceituado industrial nesta cidade, sr. Luis Artur de Oliveira Aguiar, filho do sr. Fortunato de Oliveira Aguiar, já falecido, e da senhora D. Rufina Fernandes Machado Aguiar, a mãe da gentil senhora D. Flora Celeste Frias, filha da senhora D. Maria de Oliveira Frias e do sr. Joaquim de Oliveira Frias, deendo realizar-se dentro em muito breve o auspicioso enlace.

Os noivos, muito estimados no meio vimaranesse, são possuidores de primorosos prediados, sendo de augurar-lhes, por isso, um futuro muito venturoso.

Baptizado

No dia 25 de Agosto foi baptizada, em Santo Estêvão de Urgres, a menina Maria Carolina Albuquerque de Oliveira Pires, filha do nosso amigo sr. José de Oliveira Pires e de sua esposa, a sr.ª D. Lúcia Silveira de Albuquerque Pires.

Foram padrinhos o sr. Manuel Silveira de Albuquerque, comerciante no Porto e sua esposa, a sr.ª D. Maria Carolina de Abreu Albuquerque.

Na Casa Larangeiro encontra V. Ex.ª, minha senhora, as melhores marcas de meias de seda natural, assim como a meia de vidro NYLON.

Nas montras da Casa Larangeiro, encontrará V. Ex.ª o fino gosto da camisa «Girã».

A Casa Larangeiro é uma Casa pequena, mas com um grande sortido. VEJA AS SUAS MONTRAS

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

D. Virginia Pereira dos Santos

O funeral da saudosa senhora D. Virginia Pereira dos Santos, realizou-se na segunda feira, às 11 horas, no templo da Misericórdia, foi, conforme vontade expressa da extinta, revestido da maior simplicidade, tendo constituído, apesar disso, uma significativa manifestação de pesar, a que se associaram muitas pessoas, desta cidade e de outras localidades, de todas as posições sociais.

O cadáver achava-se encerrado em ataúde de veludo e estava depositado no chão, sobre uma alcatifa, rodeado de muitas luzes.

Durante a manhã daquele dia foram rezadas missas por alma da bondosa senhora, tendo sido celebrada às 11 horas a missa do corpo presente, a que se seguiu o responso de sepultura, cantando o Libera-me as internadas do Asilo de Santa Estefânia com acompanhamento a harmonium.

A chave do caixão foi entregue ao Sr. Dr. Mário Dias de Castro, amigo íntimo da família dorida.

O féretro foi, após os actos fúnebres, trasladado em auto funeràrio, que era seguido de uma extensa fila de automóveis que conduziam pessoas das relações da família, para o cemitério de Atouguia, onde ficou inhumado em jazigo de família.

Fizeram-se representar: O Sr. Dr. Manuel Jesus de Sousa, pelo Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado; o Sr. Dr. Augusto Monteiro Dias de Castro, por seu pai, o Sr. Dr. Mário Dias Pinto de Castro; o Sr. Dr. João António de Almeida, por seu filho, o Sr. Dr. João Afonso de Almeida; o Sr. Dr. Bento Caldas, por seu irmão, o Sr. José Pedro da Costa Caldas; os Srs José Jacinto Júnior e Joaquim Ribeiro da Silva, pelo Sr. Alberto Costa; o Sr. Fernando Lage Jordão, por seu irmão o Sr. Francisco Lage Jordão; o Sr. Camilo Larangeiro dos Reis, por seu filho, o Sr. Camilo Larangeiro dos Reis Matos; o Sr. Francisco Larangeiro dos Reis, por seu irmão, o Sr. Joaquim Larangeiro dos Reis; o Sr. Fernando Gilberto de Sousa Pereira, pelo Sr. José Gilberto Pereira; a Direcção das Oficinas de S. José, pelos Srs.: Comendador Alberto Pimenta Machado, José Rodrigues Guimarães, Domingos Mendes Fernandes e José Gilberto Pereira; a Mesa da Irmandade da Penha, pelos Srs.: Comendador Alberto Pimenta Machado, José Gilberto Pereira, Domingos Mendes Fernandes e Antonino Dias Pinto de Castro; a Mesa da Irmandade da Misericórdia, pelos Srs.: Dr. Fernando Lopes de Matos Chaves e P.º Luis Gonzaga da Fonseca; o Grémio do Comércio de Guimarães, pelo Sr. Casimiro Martins Fernandes; a Direcção do Vitória Sport Club, pelo seu Presidente, o Sr. António Faria Martins; os Srs. António Martins Ribeiro da Silva e Bernardino Alves Marinho, pelo Sr. Armando Martins Ribeiro da Silva; os Srs. Abreu Lopes & C.º, pelo Sr. António Faria Martins Leite; o jornal «A República», pelo seu correspondente, o Sr. Francisco Gonçalves da Cunha; o Sr. António Guilherme Saavedra, pelo Sr. Diamantino Au-

gusto Soares Mourão; o Sr. Francisco da Cunha Mourão, por seu filho, o Sr. Américo da Cunha Mourão; o Sr. P.º Ezequiel de Freitas, por seu irmão, o Sr. António de Freitas; o Sr. J. S. Marques Rodrigues, por seu genro, o Sr. Luis Mendes Cardoso, etc., etc.

«Notícias de Guimarães» fez-se representar pelo seu Director.

A missa do 7.º dia, por alma da saudosa extinta, foi rezada ante-onsem, às 8,30 horas, na Basílica de S. Pedro e teve uma assistência num meroa e selecta.

Missa do 7.º dia

Por alma da inditosa menina Maria Vitória Simões de Sousa Meneses e comemorando o 7.º dia do seu passamento, foi celebrado um terço de missas, na igreja da Misericórdia, às 9 horas de terça feira última.

Ao religioso acto assistiram toda a família dorida, assim como muitas senhoras e cavalheiros das suas relações, que no final lhe apresentaram cumprimentos.

Foram celebrantes os Revs. Luis Gonzaga da Fonseca, Gaspar Nunes e José Maria Leite.

A personalidade conhece-se pela sua apresentação. Compre uma Camisa Girã, que é o complemento para uma boa toilette. Exclusivo da CASA LARANGEIRO.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanentemente a Farmácia Barbosa, ao Largo do Toural.

Viação acidentada

Quando na madrugada de domingo passado, no lugar do Canto, freguesia da Oliveira, passava uma camionete de carga, conduzida pelo motorista Paulino de Castro, casado de Cabeciras de Basto, em direcção a esta cidade, foi de encontro a uma casa pertencente ao Sr. Acúrcio das Neves Saraiva, habitada pelo Sr. Simão Romão Rodrigues da Silva, picheleiro, causando-lhe certos prejuizos no seu mobiliário.

Do embate, resultou ficar ferido, ligeiramente, o condutor e a proprietária da camionete, Sr.ª Teresa Fernandes, casada, de Matosinhos.

A Polícia tomou conta do sucedido.

Conclusão de Curso

Na Escola do Magistério Primário, em Braga, concluiu com honrosa classificação o seu curso a nossa gentil conterrânea Sr.ª D. Maria Augusta de Magalhães e Sousa, filha do nosso prezado amigo Sr. José Felix da Silva e Sousa e de sua esposa.

Apresentamos-lhe as melhores felicitações, extensivas a seus dedicados pais, com os votos das melhores prosperidades.

A visita de um grupo excursionista

Conforme havia sido anunciado, visitou-nos no passado domingo, pelas 10,30 horas da manhã, o Grupo Recreativo «Amor ao Porto», da cidade Invicta, que era aguardado junto à estátua do Fundador por um funcionário da Câmara com o estandarte do Município e pelos Grupos Recreativos locais: «20 Arautos de D. Afonso Henriques» e «Os Obedientes».

Muitos populares estiveram presentes, também, á homenagem que os nossos visitantes quiseram prestar a D. Afonso Henriques e à Cidade de Guimarães.

O Sr. Fernando Esteves, Presidente do Grupo «Amor ao Porto» saudou Guimarães, após o que concedeu a palavra ao Presidente da «Federação Colectiva de Recreio do Distrito do Porto», que, depois de uma entusiástica saudação a Guimarães disse da grande amizade que sempre existiu entre esta cidade e o Porto e que se acentuou ainda, há cerca de setenta e cinco anos, foi, a seguir, colocado um lindo ramo de flores junto à estátua de D. Afonso Henriques e colocada uma medalha de prata na bandeira do Município, como retribuição da gentileza havida com este grupo, em 1940, convidando o seu Presidente a descer a lápide colocada junto ao pedestal do monumento ao Fundador.

Aproveitou a Federação a oportunidade para condecorar a bandeira do grupo «Obedientes de Guimarães», gentileza que o seu Presidente, Sr. Vinagre, agradeceu. Foram levantados vivas a Guimarães e ao Porto. Os excursionistas visitaram os nossos monumentos e a Penha.

Pelo Tribunal

Foram remetidos ao Tribunal Judicial desta comarca, Francisco da Silva, casado, sem modo de vida, de 56 anos, residente no Bairro da Arcela, desta cidade, por este no dia 18 de Agosto corrente, ao fim da tarde, ter vibrado algumas facadas, com um trinche de sapateiro, no nariz, na testa e nas costas de António de Figueiredo, casado, alfaiate, morador no Bairro da Arcela, onde a agressão foi praticada sem motivo justificado e requintes de malvezade, do que resultou o ofendido ter dado entrada

TEATRO JORDÃO HOJE às 15 e às 21 e meia horas

Noite sem Lua com MARGARET WYCHERLY e SIR CEDRIC HARDWCKE. Uma epopeia que revela novos capítulos de heroicidade!

Quarta-feira, 4, às 21 e meia horas: Um filme de sumptuosidade e emoção.

Sexta-feira, 6, às 21 e meia horas: SOB O CELESTE IMPÉRIO com RUTH WARRICK e RANDOLPH SCOTT. Um espectáculo onde palpitam as mais desenfreadas paixões!

DODGE AUTOMÓVEIS E CAMIONS Agente Geral no Distrito de Braga: A. Ferraro Vaz VILA NOVA DE FAMILIÇÃO TELFONE, 76

Para os Pobres

O Sr. A. Gonçalves Ferreira, proprietário da Pastelaria Colonial, pretendendo associar-se ao regozijo da cidade pelo êxito das Festas Gualterianas, resolveu distribuir a importância de 300500 em esmolas de 5000 aos pobres, tendo-nos enviado 20 senhas para os pobres protegidos pelo nosso jornal, em nome dos quais agradeceremos.

COMISSÃO DE VITICULTURA DA REGIÃO DOS VINHOS VERDES

Serviço de Fiscalização MÊS DE JUNHO

Informa esta Comissão que a Brigada de Fiscalização exerceu os seus trabalhos nos concelhos de Amarante, Amares, Arcos de Valdevez, Arouca, Baião, Barcelos, Braga, Castelo de Paiva, Celorico de Basto, Espinho, Fafe, Felgueiras, Gondomar, Guimarães, Lousada, Maia, Marco de Canaveses, Matosinhos, Melgão, Monção, Mondim de Basto, Paços de Ferreira, Paredes, Penafiel, Ponte da Barca, Ponte do Lima, Póvoa de Lanhoso, Póvoa de Varzim, Rezende, Valença, Valongo, Vale de Cambra, Viana do Castelo, Vieira do Minho, Vila do Conde, Vila Nova de Famalicão e Vila Verde, onde visitou 4.004 estabelecimentos e 24 adegas de produtores, afim de averiguar se estão a ser cumpridas as disposições legais.

Na área da cidade do Porto e Entrepósito de Gaia, foram visitados 72 estabelecimentos, colheram-se 7 amostras de vinho ali entrado e 151 de vinho destinado á exportação.

Em Lisboa foram visitados 81 estabelecimentos onde se vende vinho verde e colheram-se 20 amostras de vinho destinado á exportação. Levantaram-se 785 autos.

Foram analisadas no nosso Laboratório todas as amostras de vinho, excepto as colhidas em Lisboa e as destinadas á exportação.

Porto, 12 de Agosto de 1946.

O Chefe da Fiscalização Geral, a) Francisco Manuel da Fonseca Cardoso.

Se calçar bem é uma nota de distinção, não deixe V. Ex.ª de ser distinto. Visite a Sapataria Vimaranesse, onde encontrará a elegância aliada ao bom gosto, em calçado de todos os géneros. Rua da Rainha, 82 — Guimarães.

TRABALHOS em todos os géneros Minerva Vimaranesse Execução a preto e cor perfeita e rápida

Para um bom fato, é necessário uma boa camisa... GIRA é a camisa que lhe serve. Exclusivo da Casa Larangeiro.

Se calçar bem é uma nota de distinção, não deixe V. Ex.ª de ser distinto. Visite a Sapataria Vimaranesse, onde encontrará a elegância aliada ao bom gosto, em calçado de todos os géneros. Rua da Rainha, 82 — Guimarães.

O amor à Terra e à Grei, eis o nosso lema.

# Livros & Jornais

## Contos Ingleses modernos.

A «Editorial Gleba», cumprindo uma promessa feita há tempos, publicou agora o segundo volume de contos ingleses. Neste volume encontram-se contos de Leslie Aikward, Florence Barclay, Osbert Sitwell, Aldous Huxley, Liam O'Flaherty, H. G. Wells, H. E. Dates, E. Phillips Oppenheim Saki, Agatha Christie e Evelyn Wangh. Nota-se que a Editora teve em vista escolher contos que fizessem mais e melhor de sentimentos do que de longas descrições. Por outro lado, estão incluídos neste volume de contos «A Estrada do jogador» e a «Afogada», que são dois contos policiais, mas que pertencem às boas obras nesse género e que foram escritos por dois autores de grande renome. Percorrendo todo o livro, deparamos com algumas jóias de arte, como por exemplo «As rodas do tempo». É um conto que consola desde o princípio ao fim. Só uma pena como a de Florence Barclay é que pode apresentar-nos em tão poucas páginas um horizonte tão vasto da família. (Editorial Gleba, Lda. — Lisboa).

## Cadernos do Técnico de Contas — por Guilherme Rosa.

Guilherme Rosa afigura-se-nos um bom contabilista. Pelo menos, em teoria. E isto não é dito em menosprezo da sua actividade, se é que desempenha o minúsculo de guarda-livros ou chefe de contabilidade, com muita proficiência, em qualquer Empresa. Como não temos conhecimento disso, mas sim de três pequenos livros que nos acabam de ser enviados, diz-se apenas para demonstrar que os seus livros revelam longo estudo de contabilidade e apresentam matéria firme e de grande interesse para quem não estiver adestrado na arte de abrir e fechar contas, de executar balanços, de destrinçar o activo do passivo, de apurar o saldo anual, de escriturar livros, de se preparar para os lançamentos do débito e do crédito ou do «deve» e «a haver», etc. Junte-se a isto uma linguagem simples e acessível, sem deixar de ser técnica e apropriada, e reconheceremos a utilidade de «Do caso simples na escrita industrial», de «A divisão do trabalho» e da «Análise do activo, passivo e da situação líquida», — os três volumes de Guilherme Rosa que acabamos de receber e que recomendamos aos leitores interessados.

— Edição da Revista de Contabilidade e Comércio — Porto.

F. T.

## «Descobrimientos Portugueses».

Sobre a nossa mesa de trabalho apareceram, entre outros livros, 2 grossos volumes que despertaram a nossa especial atenção.

O Instituto para a Alta Cultura acaba de publicar, em esplêndida edição, acompanhada de mais de 50 estampas de grandes dimensões, reproduzindo fielmente alguns dos documentos mais importantes, os 2 primeiros volumes, de uma grande colectânea de documentos portugueses e estrangeiros sobre os descobrimientos portugueses.

Intitula-se «Descobrimientos Portugueses» e a parte agora publicada abrange até a morte do infante D. Henrique (fim de 1460). É autor do trabalho o Dr. João Martins da Silva Marques, Professor da Faculdade de Letras de Lisboa, e investigador bem conhecido pelos seus trabalhos de paleografia, arquivologia e história.

Nos 2 grandes volumes publicados — de 740 e 778 págs., respectivamente — o autor reuniu toda a documentação já conhecida e muita outra inédita e desconhecida, pesquisada em artigos portugueses e estrangeiros. Pela primeira vez se realiza entre nós uma obra desta envergadura, que vem assim facilitar o estudo de tão importante matéria, à qual está ligado o bom-nome de Portugal e o seu legítimo orgulho nacional; obra que ainda não existia e cuja falta era extremamente sensível para todos os que a desejassem estudar.

Tanto os homens de ciência, como os investigadores, professores, estudantes, etc., têm agora ao seu dispor uma obra em que encontram reunida toda a documentação sobre as navegações, descobrimientos, conquistas e colonizações portuguesas, desde os mais remotos tempos. Não precisarão de percorrer dezenas de livros, folhetos e artigos, muitos dos quais caros ou esgotados e que, por isso mesmo, eram apenas acessíveis a pouquíssimas pessoas, e que, até as melhores bibliotecas não possuíam completamente.

A isto acresce que o Prof. João Martins da Silva Marques, com acerto critério, estudou paralelamente a parte económica e marítima, isto é, o comércio marítimo, a marinharia, as construções navais, a pesca e pescadores, a marinha mercante e de guerra, etc. E sobre estas temas é tão numerosa como importante a documentação incluída nesta obra, verdadeiramente notável.

Todos os documentos, cronologicamente ordenados, são sempre acompanhados dos seus sumários, e ambos os volumes têm no fim extensos índices de nomes de pessoas, de terras, de assuntos e datas, que permitem encontrar fácil e rapidamente o que se pretender.

Por tudo isto, muito é para desejar que se continue a publicação.

Rollin de Macedo.

# A Marianita

(Conclusão)

a «dança» em louvor da padroeira de Alegrete.

Como vão alegres e airosas! ... Lá está a casa da Dona Senhorinha.

Parece um monte de neve coberto de pétalas vermelhas!

Tem uma porta e uma janela floridas, e uma chaminé quase maior do que ela!

A Marianita carrega no trinco, empurra levemente a porta e pergunta: «Podemos entrar?»

«Entrem, minhas meninas» — responde a Dona Senhorinha, numa voz tão doce como o mel perfumado das colmeias do seu quintal.

Entram para uma saleta onde há uma cómoda e jarras com penas de pavão, um relógio de mesa cheio de floreios, muitos retratos, cadeiras, banquinhos de cortiça, e um tapete feito de retalhos de vários tecidos. Beijam a Dona Senhorinha, sentam-se, e o ensaio começa.

«Ora bem. Antes de mais nada, digam-me os «dizeres que irão cantar» — diz a ensaiadora e ordena: «Canta tu, os teus, Marianita.»

«Sei-os de cor e salteado! Ora veja se não são bonitos» — diz a pequenita e canta, com religiosidade, num estilo arrastado e mavioso:

Senhora d'Alegria  
Teve pena e dó  
Da minha aflicção  
Por mor da avó!

«Quem tos ensinou?» — pergunta a Dona Senhorinha.

«Ninguém. Tirei-os da minha cabeça!»

«Bem, bem» — diz Dona Senhorinha e ordena: «Canta tu os teus, Silvéria.»

E a Silvéria, uma lourinha que muito se destaca entre as outras de cabelos escuros, afina a garganta e faz-se ouvir cantando:

Olha para o céu  
Verás uma cruz;  
Capela de rosas,  
Menino Jesus!

«Essa cantiga já é muito velha!» — exclamam todas as crianças.

«Não importa» — opina a ensaiadora e diz: «Vá, agora tu, Gertrudes.»

A Gertrudes movimentava as suas longas pestanas que embelezam, ainda mais, os seus olhos que parecem, mesmo azeitoninhas bem escuras, e canta:

Eu hei-de ir cantando  
Descalça ao adro  
Pra livrar meu mano  
D'ir a ser soldado.

«Bem. E tu, Garibaldina? Vamos lá ver o que é que tu cantas» — diz a Dona Senhorinha, com uma voz muito suave.

Garibaldina leva uma das mãos ao queixo, em atitude vacilante, e exclama: «Não sei bem o que há-de ser!» De súbito, tem uma ideia e diz com vivacidade: «Olhe, canto os mesmos dizeres que a Joaquininha da Bica cantou o ano passado. Veja lá se gosta:

Senhora d'Alegria  
Já vos não adoro;  
Os ricos não creem  
E os pobres só choram!»

«Isso é velho como o relógio da torre!» — exclamam todas, menos a Marianita que está entredida a fazer um laço na blusa.

«Mas nem só o que é novo tem valor!» — afirma a Dona Senhorinha e ordena: «Ora diz lá tu, Clotilde, os versos que cantarás.»

A Clotilde engole apressadamente o resto de um reбуçado que pouco antes metera na boca, e canta:

Senhora d'Alegria  
Que estais no andar!

Faz uma pausa e diz, desolada: «Ai que me não lembro do resto! Orem esperem...»

A Marianita corre em seu auxílio e canta: «Levai a peste e a fome...» Clotilde agita negativamente uma das mãos e diz: «Nada disso! Repeti tantas vezes os dizeres que minha mãe me ensinou, que os esqueci!»

A Garibaldina arregala os olhos, já de si grandes, e elucida:

«Eu ouvi-te repeti-los. Tu dizias assim: Dai-nos saúde e sorte...»

«Não digas mais!» — implora Clotilde, tapando-lhe a boca e ajunta: «Vou cantar do princípio...»

Senhora d'Alegria  
Que estais no andar,  
Dai-nos saúde e sorte  
E também vosso amor!

«Muito bem!» — aprovam todas, em unsono.

Os ensaios continuaram. E chegou, finalmente, o dia 15 de Agosto, o mais festivo em Alegrete. São 18 horas e tudo está animado...

O coreto está embandeirado. Há fogo preso aqui e além — assim como barracas de petiscos e outras de brincueiros e coisas várias. A torre, a igreja e o casario estão ainda mais brancos do que habitualmente.

Em toda a terreira predomina o cheiro a cal e, também a cabrito assado e a bolos regionais.

Tudo se movimentava! Não há ninguém que não tenha estreado uma coiza nova...

E a Marianita? Ei-la, lá vai ela, com as restantes do grupo que exhibirá a chamada «dança das ciganas».

# Colégio de D. Nuno

Para o Sexo Masculino

PRAÇA DO ALMADA  
TELEFONE. 106

PÓVOA DE VARZIM

No local mais central da vila, perto do Liceu, e da Escola Comercial, com amplos recreios e campos de jogos.

ENSINO RELIGIOSO



**Superius**  
O melhor calçado para crianças!

Exclusivo da  
**Sapataria Vimaranense**  
Rua da Rainha, 82  
GUIMARÃES

## FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA (REGISTADA)

Largo do Toural, 70 a 73

Telefone N.º 4306 — GUIMARÃES

Anexo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Português, Plano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITÁRIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos «Shell», Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Botaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS.

## A Sapataria Peregrinação a Fátima Vimaranense

tem para V. Ex.ª, minhas Senhoras, os mais belos e elegantes modelos e o mais fino e variado sortido. Aconselhada está, portanto, uma visita à «Vimaranense», na Rua da Rainha, 82 — Guimarães.

179

com laços nos cabelos e nas pandeiretas e castanholas! Quantos laços são? Amarelos... encarnados... brancos... cor-de-rosa... e que mais?

Não se podem contar! Corre um pé de vento que agita graciosamente as fitas que embelezam aquele e outros grupos.

O grupo da Marianita pára no adro, põe-se em ordem, e aquela pede: «Começas tu, Garibaldina!»

«Não, a Silvéria que comece» — diz Garibaldina e logo a Silvéria ri-se: «Por que não há-de começar a Clotilde?»

Esta faz uma cara enjoadada e diz: «A Gertrudes que cante primeiro.»

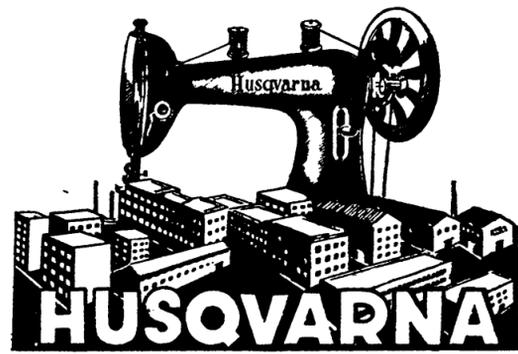
«Lá por isso não seja a dúvida!» — exclama a Gertrudes, toda arrebitada. Pensa um momento, e acrescenta: «Mas... quem deve começar a cantar, no fim de contas, é a Marianita — visto que a promessa é dela.»

«Isso mesmo!» — aprovam as restantes, excepto a Marianita, que afina a garganta para cantar.

As pandeiretas e castanholas começam a movimentar-se... e as janelas das proximidades estão apinhadas de cabeças.

A Marianita vai, finalmente, começar o cumprimento da promessa!...

Isaura Correia Santos.



HÁ MAIS DE 150 ANOS esta maravilhosa máquina de costura de fabricação sueca é vendida em todos os mercados mundiais.

Silenciosa, leve e tecnicamente perfeita, a máquina de costura «HUSQVARNA» é inteiramente construída com os afamados aços suecos.

COSTURA, BORDA e faz todos os trabalhos com rapidez e perfeição.

«HUSQVARNA» tem assistência técnica garantida e um completo sortido de peças soltas.

VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES.

Agentes no Concelho: Bernardino Jordão, Filhos & C.ª, L.ª.

215

# SAPATARIA YORK

de João Ribeiro da Costa  
RUA DA RAINHA, 140 — GUIMARÃES

Últimas criações — Distinção e Elegância em Calçado para Praia \* Passeio \* Toilette

Sempre os melhores modelos! Sempre os melhores preços!

Ninguém deve comprar sem primeiro ver o sortido e inteirar-se dos preços da SAPATARIA YORK, cuja divisa é: vender bem e barato.

Comprar na SAPATARIA YORK é assegurar a esta casa um cliente para sempre, pois em parte alguma será a clientela servida em modicidade de preços, em segurança dos artigos, tendo também um bom sortido de guarda-chuvas, peúgas, camisas e chapéus, etc.

Comprando na Sapataria York V. Ex.ª economizarão dinheiro.

Representante nesta Cidade da

AGA-Rádio

235

Telegramas: AMORAS PORTO • LISBOA

## A. J. GONÇALVES DE MORAES, L.ª

Casa Fundada em 1894

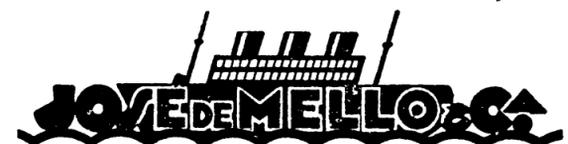
DESPACHOS, BARCAGENS, TRANSITOS e AGENTES DE NAVEGAÇÃO

Sede: R. da Nova Alfândega, 18 — PORTO

Filiais: LBIXÕES LISBOA R. CARVALHO ARAÚJO, 66 R. S. PAULO, 26-1.ª Telef. 12 MATOSINHOS Telef. 29542 e 24080

# CAMIONAGEM

Transportes de Carga e Mudanças BARCAGENS e Despachos AGENTES DE NAVEGAÇÃO



Casa fundada em 1882

RUA NOVA DA ALFANDEGA N.º 67

PORTO

Telefones 78 e Estado 57 CORREIO Apartado 12

VENDE-SE Como subtil película, o Pó de Arroz «MARLICE» favorece os naturais encantos da mulher. Na Casa Larangeiro encontra V. Ex.ª o Pó de Arroz «MARLICE».

AUTO-CLAVE para 100 maços de algodão. Prestam-se esclarecimentos nesta Redacção.

286